

## Cultura e estética popular sul-americana.

Perspectivas para a leitura na visão

de John F. C. Turner, 1963–1978<sup>1</sup>

Cultura y estética popular sudamericana.

Perspectivas de lectura en la visión de John F. C. Turner, 1963 – 1978

South American popular culture and aesthetics.

Reading perspectives in John F. C. Turner's view, 1963 – 1978

José Carlos Huapaya Espinoza

*Universidade Federal da Bahia*

Eulalia Hernández Ciro

*Universidade de Antioquia*

Traduzido por

Laís da Silva Cerqueira

*Universidade Federal da Bahia*



---

<sup>1</sup> Nota dos editores: Este artigo foi originalmente publicado na revista *Contemporânea* (ISSN: 1239430-342) v. 16, n. 2, 2022, p. 62–82. Todas as traduções para o português são dos autores. Agradecemos aos editores do periódico e aos autores pelo o aval para esta tradução.

### RESUMO

Em seu recente livro *La ciudad latinoamericana*, Adrián Gorelik reconstrói as ideias, as figuras e as instituições do período entre as décadas de 1940 e 1970, em que o pensamento sobre a cidade e, especificamente, a questão da moradia e da marginalidade desempenharam um papel de destaque nos debates acadêmicos, nas agendas de cooperação estatal e internacional bem como nos movimentos sociais. A proposta deste artigo está inserida nesse contexto e busca explorar as contribuições do arquiteto britânico John F. C. Turner para o debate sobre cultura popular e estética. Para isso, analisaremos alguns de seus escritos, começando pelo número organizado para a revista *Architectural Design* (1963), passando pelo livro *Housing by People. Towards Autonomy in Building Environments* (1976), até chegar no artigo “Housing in Three Dimensions: Terms of Reference for the Housing Question Redefined” (1978).

**Palavras-chave:** cultura popular, estética popular, John F. C. Turner, América do Sul.

### RESUMEN

En su reciente libro *La ciudad latinoamericana*, Adrián Gorelik reconstruye las ideas, figuras e instituciones del periodo entre las décadas del cuarenta y del setenta del siglo XX, cuando el pensamiento sobre la ciudad y en específico el tema de la vivienda y la marginalidad tuvieron un lugar protagónico, tanto en los debates académicos, las agendas estatales y de cooperación internacional como en los movimientos sociales. La propuesta de este artículo se incluye en este contexto y busca explorar las contribuciones del arquitecto británico John F. C. Turner al debate sobre la cultura y estética popular. Para ello, analizaremos algunos de sus escritos, iniciando con el número organizado para la revista *Architectural Design* (1963), pasando por el libro *Housing by People. Towards Autonomy in Building Environments* (1976) hasta llegar al artículo “Housing in Three Dimensions: Terms of Reference for the Housing Question Redefined” (1978).

**Palabras clave:** cultura popular, estética popular, John F. C. Turner, Sudamérica.

### ABSTRACT

In his recent book *La ciudad latinoamericana*, Adrián Gorelik reconstructs the ideas, figures, and institutions of the period between the 1940s and 1970s, in which thinking the city and specifically the issue of housing and marginality played a leading role in academic debates, state and international cooperation agendas and social movements. Based on that context, the purpose of this article is to explore the contributions of the British architect John F. C. Turner to the debate on popular culture and aesthetics. To this end, we will analyze some of his writings, starting with the issue organized for the journal *Architectural Design* (1963), going through the book *Housing by People. Towards Autonomy in Building Environments* (1976) up to the article “Housing in Three Dimensions: Terms of Reference for the Housing Question Redefined” (1978).

**Keywords:** popular culture, popular aesthetics, John F. C. Turner, South America

## Introdução

Em seu recente livro *La ciudad latinoamericana*, Adrián Gorelik (2022) reconstrói as ideias, as figuras e as instituições do período entre as décadas de 1940 e 1970, quando a reflexão sobre a cidade e, especificamente, sobre a questão da moradia e da marginalidade desempenhou um papel de destaque nos debates acadêmicos, nas agendas de cooperação estatal e internacional bem como nos movimentos sociais. No debate institucional, foram apresentadas duas abordagens para lidar com o problema habitacional: a construção de grandes complexos habitacionais (*unidades vecinales* ou *barrios de monobloques*), como uma aliança entre o Estado e a arquitetura moderna, e as propostas de autoconstrução por meio de ajuda mútua, também conhecidas como modelo pan-americano de *self-help*. Este último se expandiu a partir da década de 1940 baseado no enclave experimental de San Juan de Porto Rico e, mais tarde, do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA), em Bogotá, um local de treinamento técnico de experimentação em soluções de habitação social para toda a região (GORELIK, 2022).

O modelo de *self-help* compreendia a limpeza do terreno e instalação de serviços básicos pelo Estado para as famílias construírem as casas, com a possibilidade de crescimento futuro, de acordo com projetos muito simples disponíveis. Essa possibilidade foi consolidada como um sistema que poderia produzir resultados muito mais rápidos, baratos e menos conflituosos do que as políticas de erradicação e substituição por grandes complexos habitacionais (GORELIK, 2022). Um dos principais marcos para a promoção e a expansão desse modelo foi o *Manual puertorriqueño de construcción de viviendas*<sup>2</sup>, publicado pelo CINVA em 1953 e que chegou ao conhecimento de John F. C. Turner por meio do arquiteto peruano Eduardo Neira Alva (TURNER, 1977).

Nesse contexto, e especialmente a partir da década de 1960, Turner desempenhou um papel de liderança nos debates sobre urbanização espontânea, autoconstrução, desenvolvimento comunitário e habitação popular. Não é por acaso que há evidências de sua passagem por San Juan, bem como pelo CINVA, seja por meio de publicações, cursos ou eventos. Ele preparou o artigo “A New View of the Housing Deficit” para o Seminário sobre Política Habitacional para una Economía en Desarrollo, realizado na Universidade de Porto Rico em abril de 1966 e, em Bogotá, ministrou um curso no CINVA e participou de várias publicações, como veremos a seguir.

---

<sup>2</sup> O *Manual para la organización de proyectos piloto de ayuda propia y ayuda mutua en vivienda* foi publicado em Bogotá em 1953. Ele faz parte de uma série de publicações de manuais e cartilhas que, juntamente com outros materiais, como traduções, adaptações, reimpressões e resumos de aulas, foram fundamentais para cumprir o objetivo do CINVA de servir como guia e estímulo para as entidades oficiais e alcançar uma ampla disseminação de informações técnicas sobre habitação. Com uma tiragem de 5.000 exemplares, esse manual reflete a experiência de Porto Rico, que foi considerada bem-sucedida e aplicável a outros países da América Latina. A autoajuda e a ajuda mútua foram definidas como “o esforço deliberado de um grupo de famílias que se reúnem para estudar seus problemas, formular planos para resolvê-los por meio de seu próprio esforço e se organizar para a ação direta contando com ajuda mínima por parte do governo” (RIVERA, BIRD, MUÑOZ, DÁVILA, 1953, p. 17). Seria muito interessante aprofundar a relação entre esse manual e as propostas e métodos de Turner a fim de analisar o quanto dessa experiência é extraída dele e quais seriam as novidades ou diferenças.

Como argumenta Gorelik (2022), o impacto da figura de Turner tem pouco a ver com a originalidade de suas ideias, uma vez que a teoria da autoajuda e a experimentação com moradias populares já existiam há várias décadas, e menos ainda com sua insistência em reposicionar o lugar dos técnicos, visto que a ideia de que os arquitetos (e outros cientistas sociais) deveriam trabalhar “com” as pessoas e não “para” elas também estava sendo promovida por vários setores<sup>3</sup>. Em vez disso, as contribuições do arquiteto inglês consistiam em ir além das avaliações econômicas e do culturalismo comunitário. Ele se concentrou no potencial político das práticas autônomas dos setores populares e rompeu com a visão miserabilista que havia caracterizado grande parte das abordagens antropológicas e etnográficas anteriores (GORELIK, 2022). Assim, sua contribuição residiria no fato de que:

...as habitações autoconstruídas deveriam ser aceitas e promovidas não por refletir e preservar padrões tradicionais de vida, mas, sim, porque representavam para os seus construtores uma arma de sobrevivência, um veículo dúctil de integração e mobilidade, e a *barriada*, um meio de vida eficiente na economia urbana realmente existente. (GORELIK, 2022, p. 133).

Esse último nos mostra que o enfrentamento e as reflexões sobre o problema habitacional não serão assumidos apenas como uma questão de arquitetos e urbanistas. Pelo contrário, podemos perceber que há um diálogo gradual entre eles e o trabalho de profissionais de outras áreas, especialmente da antropologia, da sociologia, do direito e da geografia. Nesse sentido, as contribuições dessas áreas serão fundamentais para tornar a “questão do problema habitacional” ainda mais densa, afastando-se de soluções meramente quantitativas ou arquitetônicas. Em vez disso, será assumida como resultado de aspectos políticos, sociais e econômicos mais amplos. Nesse sentido, alguns dos casos que podemos citar, por exemplo, são as significativas contribuições do antropólogo Clyde Kluckhohn e do advogado Charles Abrams<sup>4</sup>.

Dois outros aspectos são relevantes para a compreensão desse panorama. Em primeiro lugar, as décadas de 1940 e 1950 no continente foram caracterizadas, em um sentido amplo, por profundas migrações internas para as principais capitais do continente, o que teve um impacto cultural nas sociedades burguesas e conservadoras estabelecidas. Como afirma Romero (2010), essa população passava quase despercebida, sendo existência conhecida, mas ignorada. A nova realidade produzida a partir desse período resultará, por um lado, nas primeiras abordagens para entender “por

---

3 Os casos do padre Louis Joseph Leuret, que esteve na América Latina na década de 1950, e de Orlando Fals Borda, sociólogo colombiano que promoveu a *Investigación Acción Participativa* (IAP), são emblemáticos e pioneiros nessa linha.

4 Sobre Abrams, consulte: Huapaya (2021). O livro de Kluckhohn, *Mirror for Man* (1949), é uma referência para estudos sobre “os outros” e teve um impacto considerável no continente. As versões em espanhol e português (*Antropología* e *Um espelho para o homem*, respectivamente) foram traduzidas e publicadas no mesmo ano. Em vários dos artigos estudados, Turner faz referência ao trabalho de Charles Abrams, especialmente ao seu livro *Man’s Struggle for Shelter in an Urbanising World* (1966). De fato, eles se conheceram no M.I.T. em 1964, depois que Turner foi convidado a dar uma palestra sobre as favelas de Lima (TURNER, 1980).

dentro” quem eram essas pessoas e, por outro, em eventuais formas de controle, com o objetivo de minimizar e evitar revoltas<sup>5</sup>. Mais tarde, elas serão, inclusive, fundamentais e ocuparão o centro do pensamento e da ação política latino-americana.

O outro aspecto está diretamente relacionado ao anterior. Não podemos perder de vista a presença de instituições e organizações com atuação continental. Nesse sentido, por exemplo, a União Pan-Americana não só promoverá a criação de espaços de discussão (como os Seminarios Regionales de Asuntos Sociales), mas também publicará estudos específicos (como *Habitaciones obreras y Cooperativas de Vivienda*, elaborado pela División de Trabajo y Asuntos Sociales em 1952, e *Problemas de la vivienda de interés social*, elaborado pelo Consejo Interamericano Económico y Social em 1954), nos quais se observa, em alguns mais, outros menos, essa preocupação em avaliar os limites e a solução efetiva da moradia para o setor social mais vulnerável economicamente. As Nações Unidas também terão um papel importante ao incentivar estudos e promover a circulação de especialistas sobre essas questões no continente, entre os quais podemos citar José Matos Mar, o já citado Abrams e até mesmo o próprio Turner. Seguindo essa lógica, é necessário chamar a atenção para o CINVA, mais uma vez, não apenas pelas diversas publicações sobre o tema, a partir da década de 1950, mas também pela promoção de cursos especializados, como o Curso de Autoconstrucción, realizado periodicamente em várias cidades latino-americanas a partir da década seguinte. Nesse sentido, o *Manual de Autoconstrucción*, publicado em 1961 pelo CINVA e pela Unión Panamericana, serve como um termômetro das experiências realizadas naquela época em várias cidades da região.

Vale a pena destacar a participação de Turner no II Curso Superior de Vivienda, em 1967, organizado pelo CINVA na cidade de Bogotá. Além da inclusão do documento mimeografado de sua autoria, intitulado *La autoconstrucción*, como parte da bibliografia do curso, Turner, juntamente com Jaime Valenzuela, arquiteto chileno radicado na Colômbia, ministrou o seminário *La crisis habitacional y su impacto en los sectores de bajos ingresos*, realizado em julho de 1967.

Como podemos observar, esse breve panorama se caracteriza por sua complexidade e dinamismo, em que conexões são tecidas e estabelecidas, visões são fortalecidas e atores se destacam. Segundo Gorelik (2022), Turner será, então, mais uma peça dessa grande engrenagem, e a que teve, sem dúvida, maior repercussão e visibilidade mundial. Assim, o objetivo deste artigo é revisitar o pensamento de Turner, mas por meio de uma abordagem pouco estudada: sua visão da cultura popular e da estética. De fato, vários trabalhos têm se concentrado em discutir aspectos relacionados a

---

5 No contexto da Guerra Fria e da disputa geopolítica de meados do século XX, as massas urbanas que começavam a se tornar visíveis na África, na Ásia e na América Latina poderiam se tornar um perigo ou uma possibilidade para os projetos políticos em disputa, tanto os promovidos pelos Estados Unidos e seus aliados, quanto pela União Soviética. Assim, concomitantemente à explosão demográfica, à expansão sem precedentes das cidades e ao crescimento da forma urbana, às necessidades básicas insatisfeitas e às novas demandas, as “massas urbanas” eram politicamente vistas como um perigo pelos Estados e pelas agências de cooperação internacional e como um terreno fértil para a expansão do comunismo. Esse temor se tornou mais evidente após o triunfo da Revolução Cubana em 1959 e de outros movimentos urbanos populares em todo o continente latino-americano (CALVO, 2022).

processos de autoconstrução, autogestão e participação popular na solução do problema da habitação popular. No entanto, nosso interesse se concentra em algumas questões: de que forma aspectos da cultura local (ou culturais) foram incorporados em suas propostas? Como esses aspectos aparecem em seu discurso? Quais são as características da estética popular que ele defende? Como esses aspectos podem ser fundamentais para entender sua visão da realidade sul-americana?

### Caminhos metodológicos

Este artigo se baseia na leitura e análise cronológica de várias publicações de John F. C. Turner. A análise começa com a edição organizada para a revista *Architectural Design* (1963), continua com o livro *Housing by People. Towards Autonomy in Building Environments* (1976) e chega até o artigo “Housing in Three Dimensions: Terms of Reference for the Housing Question Redefined” (1978), publicado na revista *World Development*. Esse percurso, além de compor uma linha do tempo, busca interrogar os locais de escrita e publicação bem como as espacialidades descritas e estudadas, com ênfase em dois temas: cultura e estética. Além disso, esse movimento nos permitirá reconstruir as tramas que são tecidas a partir das trajetórias de Turner, a partir das quais podemos compreender a diversidade de atores, instituições, centros de pensamento e lugares-chave que, entre as décadas de 1940 e 1970, foram decisivos para pensar e intervir na cidade latino-americana.

O corpus documental é composto por um conjunto de artigos, palestras, anais de eventos, relatórios técnicos e impressões de viagens que apareceram em vários idiomas, lugares, épocas e mídias, mas que dialogam entre si a partir da ênfase e da expansão de temas e pontos de vista e que correspondem aos diferentes papéis que Turner assumiu durante esse período. O aparecimento simultâneo, nas décadas de 1960 e 1970, dos textos em vários idiomas (inglês, espanhol, português e francês) mostra a relevância dos temas da autoconstrução, do desenvolvimento comunitário e da moradia na América Latina e no mundo, além dos diversos interlocutores e da circulação de ideias e relações estabelecidas pelo próprio Turner.

Em relação ao período analisado, a seleção de textos nos permite identificar um intervalo bastante claro e definido (1963-1978), no qual seu interesse pelos aspectos culturais está mais presente. Isso não significa que eles não apareçam em seus escritos posteriores, mas, sem dúvida, tornam-se menos centrais. Como se trata de materiais de “circulação rápida”, no âmbito da cultura e da estética, há algumas ideias e temas que foram deixados esboçados e não desenvolvidos em trabalhos posteriores. Nesse sentido, as fotografias e o material gráfico que aparecem nos artigos, como plantas, desenhos e diagramas, além do mero papel de ilustração, serão muito importantes e considerados como um corpus documental para a análise neste trabalho.

Juntamente com as reflexões sobre questões como moradia, *barriada*, urbanização espontânea e desenvolvimento comunitário, esse olhar cronológico e espacial sobre o material coletado nos permite compor as redes institucionais e os lugares pelos quais Turner percorreu. Nesse sentido, destacamos instituições como a Oficina de Asistencia Técnica de Arequipa (OATA), no Peru, o Serviço

Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU), no Brasil, o Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA), na Colômbia, entre outras. Em meio aos casos apresentados, destaca-se a experiência no Peru (1957-1965), onde foi realizada a maior parte de seu trabalho empírico, mas também há considerações sobre as observações feitas no Brasil, na Colômbia e na Venezuela.

Suas primeiras reflexões foram apresentadas em seu artigo “Dwellings Resources in South America”, publicado em Londres na *Architectural Design* (1963), e abrange vários tópicos e lugares na América Latina, como o caso da urbanização no Peru, com uma perspectiva histórica e um estudo contemporâneo, a habitação rural e os programas de habitação em massa na Venezuela, as cooperativas habitacionais no Chile e as agências estatais para a produção de moradias, como o Instituto de Crédito Territorial (ICT) na Colômbia. Essa primeira impressão da região se encerra simbolicamente com o artigo “The fits and misfits of people’s housing”, publicado também em Londres no *Riba Journal* (1974). Esse texto constitui uma de suas primeiras avaliações de sua experiência latino-americana, no qual ele tenta dar uma visão geral da situação habitacional nos quase dez anos que passou no continente.

Em 1964, ele publicou “La autoconstrucción. La necesidad de nuevas unidades de vivienda” na revista *Desarrollo Económico* (1964). Presume-se que essa revista seja um dos órgãos de divulgação do Instituto de Desarrollo Económico y Social (IDES, Buenos Aires, Argentina), um importante centro de pensamento que surgiu no final da década de 1950 em meio ao debate sobre as ideias desenvolvimentistas em termos econômicos, sociais e culturais e que continua funcionando até hoje. Embora não haja informações precisas sobre a origem desse artigo, ele foi reproduzido no livro *Autoconstrucción. Por una autonomía del habitar. Escritos sobre vivienda, urbanismo, autogestión y holismo* (2018), que compila e traduz grande parte da obra de Turner.

Em 1968, três artigos foram publicados em três revistas nacionais e internacionais. Em *Arquitetura*, revista publicada no Rio de Janeiro pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) desde 1961, ele apresenta as impressões de suas viagens por cidades brasileiras como Rio de Janeiro, Brasília, Recife, Salvador e Belém. A apresentação da revista registra a importância dos textos de Turner para eles:

ARQUITETURA sente-se honrada em poder apresentar, pela primeira vez em um órgão de divulgação técnico-profissional brasileiro, os conceitos e as ideias do arquiteto John C. Turner sobre a formação de favelas e crescimento urbano espontâneo e espera que desta publicação resulte um extenso, franco e proveitoso debate sobre esses temas que têm a maior relevância para o desenvolvimento da cidade brasileira (TURNER, 1968c, p. 17).

Também nesse ano, publicou um pequeno artigo intitulado “Nueva estrategia de la vivienda urbana” na *Revista de la Sociedad Interamericana de Planificación*, editada em Cali, Colômbia. Seu texto se centra nas estratégias para a habitação urbana e nas linhas principais da palestra que deu, no mesmo ano, sobre o trabalho do arquiteto profissional e a ignorância da urbanização espontânea no *XII Congreso Panamericano de Arquitectos*, realizado na cidade de Bogotá, e cujo documento faz

parte do acervo do CINVA<sup>6</sup>. O terceiro artigo, “Problèmes d’habitat. Solutions administratives et solutions populaires”, foi publicado na revista *L’Architecture d’Aujourd’hui*, na qual, desta vez, seu discurso acompanhado de imagens nos permite entender seu pensamento em relação aos processos de autoconstrução vinculados a aspectos culturais.

Em 1969, ele publicou o artigo “Uncontrolled urban settlements: problems and policies”<sup>7</sup> no livro *The City in Newly Developing Countries*, no qual Turner chamou a atenção para o fato de que as favelas ainda eram um fenômeno desconhecido; no entanto, ele discutiu dois aspectos importantes: a relação entre o homem e seu habitat e sua defesa e posição sobre a ideia do desenvolvimento progressivo da habitação. Essas reflexões foram ampliadas, em 1971, em seu artigo “Una nueva visión del déficit de la vivienda”<sup>8</sup>, publicado no livro *The Growth of Cities*.

Em 1972, também encontramos três textos fundamentais. Os dois primeiros<sup>9</sup>, “La reeducación en un profesional” e “El verbo edificar”, fazem parte de seu livro *Libertad para Construir*, publicado com Robert Fichter no México pela Siglo XXI Editores. Esses dois capítulos são relevantes porque nos mostram a vida cotidiana e as dificuldades encontradas nas *barriadas* peruanas, as possibilidades em circunstâncias adversas e seu posicionamento crítico em relação à lógica técnica e à solução do problema habitacional com base no uso de sistemas e propostas modernas. Nesse ano, publicou o artigo “Architecture that Works” no livro *Human Identity in the Urban Environment*, no qual tenta sistematizar seus estudos a partir da identificação e caracterização das diferenças entre os fenômenos do *corralón* e das *barriadas* peruanas<sup>10</sup>. Posteriormente, essas reflexões sobre a compreensão do caso peruano seriam estendidas à escala global em seu artigo “Asentamientos urbanos no regulados” (1975), no qual ele também analisou as diversas políticas e modelos de intervenção na habitação. Esse segundo texto foi publicado no livro *Desarrollo urbano y regional en América Latina. Problemas y políticas*, publicado pelo Fondo de Cultura Económica (México) e editado pelo chileno Andrés Necochea e por Luis Unikel, um engenheiro civil fundamental para o surgimento e consolidação dos estudos urbanos mexicanos.

Por fim, “Housing in Three Dimensions: Terms of Reference for the Housing Question Redefined” (1978), publicado na revista *World Development*, pode ser entendido como uma forma de condensar e destacar as principais ideias presentes em seu livro *Housing by People. Towards Autonomy in Building Environments*, publicado dois anos antes. Nesse texto, é possível identificar sinais de uma mudança

---

6 Essa discussão sobre as funções profissionais do arquiteto e do urbanista e o desconhecimento da urbanização espontânea era um tema recorrente na profissão naquela época. E não apenas nesse campo, mas também entre os cientistas sociais, como sociólogos e antropólogos, como vimos anteriormente.

7 Neste artigo, usaremos a tradução em espanhol desse livro (1974a).

8 Da mesma forma, usaremos a versão traduzida para o espanhol desse livro (1972a).

9 Também usaremos as versões traduzidas para o espanhol desse livro (1976).

10 Uma versão anterior deste artigo foi publicada em 1968 com o título “The Squatter Settlement: an Architecture that Works” na revista *Architectural Design*.

de visão em relação à defesa da habitação como uma variável dependente de um sistema político e socioeconômico mais amplo. De certa forma, nesse trabalho, Turner encerra um ciclo de reflexões sobre a cidade espontânea e popular e retorna às suas preocupações iniciais e às influências de Patrick Geddes.

## Perspectivas para uma leitura da cultura popular sul-americana

Seguindo a linha de interesse deste artigo, esta seção questiona a cultura a partir de quatro componentes: a cidade autoconstruída, a autoconstrução como um processo coletivo, o caráter simbólico da habitação e o arquiteto socialmente consciente.

### Autoconstrução, desenvolvimento progressivo e a cidade

Um primeiro elemento a ser observado na perspectiva cultural é a capacidade do Turner de enxergar além da materialidade espacial da arquitetura e de valorizar tudo o que é entrelaçado no tecido da autoconstrução e do desenvolvimento progressivo. Como ele pontua,

A lição principal que aprendi graças ao meu longo relacionamento com os ‘construtores das *barriadas*’ foi como distinguir a arquitetura como objeto e a arquitetura como sistema. (TURNER, 1968e, p. 98)

Em suas observações no Peru, e em outros países latino-americanos, ele conclui que essa é uma arquitetura flexível que pode responder a demandas em constante mudança e seguir direções imprevisíveis e alternativas, ao contrário dos projetos estatais que, em sua maioria, são entregues prontos e não permitem ajustes ou transformações.

De fato, para Turner, a maioria dos construtores da urbanização espontânea são famílias comuns da classe trabalhadora que, apesar de não terem muitas expectativas econômicas, conseguiram construir casas em estruturas permanentes e aceitáveis e que, entre suas grandes contribuições, lançaram as bases para uma organização comunitária consolidada. Reconhecendo essa complexidade, ele conclui que “as *barriadas* são, sem dúvida, a solução mais eficaz oferecida até agora para resolver os problemas de urbanização no Peru” (TURNER, 1963, p. 44).

Outra questão relevante tem a ver com a sensibilidade de reconhecer a urbanização espontânea não como algo homogêneo, mas, ao contrário, em toda a sua diversidade e complexidade, uma ideia que se materializa nessa fotografia aérea de Pampa de Cuevas (Figura 1). Assim, de acordo com a descrição de Turner:

O primeiro ponto é que não se trata de um setor ou de uma classe homogênea de lugares ou pessoas. Refiro-me a todos os assentamentos urbanos realizados fora do controle oficial, seja por invasão de propriedades privadas ou estatais, seja pelo loteamento de terrenos e sua venda não regulamentada, ou por qualquer

## ARTIGO

circunstância que resulte na sua marginalização jurídica e administrativa dos serviços públicos, bancários etc. A gama de tipos e níveis, físicos e sociais, é tão vasta que nenhuma imagem generalizada pode evitar distorções graves da verdade (TURNER, 1968b, p.1).

Outro elemento a ser destacado em relação ao desenvolvimento progressivo que caracterizou a construção desses bairros é que ele se constitui como um “poderoso agente de integração socioeconômica” (TURNER, 1968c, p. 19), onde muitos habitantes têm liberdade para investir seus próprios recursos. Além dessas possibilidades individuais, Turner considera como “um produto adicional de desenvolvimento progressivo”, mesmo que não seja mensurável ou quantificável, o “estímulo para o desenvolvimento social”, por meio do fortalecimento dos laços familiares e de uma série de atitudes proativas em relação à sociedade e ao coletivo (TURNER, 1968a). Ou seja, além das possibilidades socioeconômicas, há também um forte potencial no desenvolvimento progressivo de um veículo de mudança cultural que ocorrerá ao longo do tempo na mesma vizinhança (TURNER, 1968a).



Figura 1. Pampa de Cuevas, Perú, marzo de 1962.

Fonte: Turner (1963).

### Autoconstrução como um processo coletivo: a família e as organizações comunitárias

Esta fotografia de Alec Bright, intitulada *Waiting for water in the barrio Bello Horizonte, Bogotá* (em português, esperando por água no *barrio* Bello Horizonte, Bogotá), faz parte do texto de Turner sobre a experiência do Instituto de Crédito Territorial (Figura 2). Ela mostra uma questão que parece óbvia, mas que vale a pena ser analisada sob uma perspectiva cultural, no que parece ser uma cena típica e cotidiana de um bairro, onde homens, mulheres e crianças de várias idades esperam para carregar água para suas casas em recipientes de vários tamanhos e materiais: baldes, jarras, latas e potes.

A partir dessa imagem, pode-se concluir que, na vida cotidiana do *barrio* da urbanização espontânea, serão muito importantes os trabalhos e os ofícios realizados por crianças e mulheres. No entanto, além dessas atividades de abastecimento de água, pesquisas recentes de perspectivas de gênero e geografias feministas concluíram que mulheres e crianças participaram ativamente da construção material do *barrio*. E aqui a expressão de Turner “a família constrói” faz sentido. Ou seja, de fato, os integrantes da família assumem várias tarefas na produção de moradias e do *barrio*.



Figura 2. *Waiting for water in the barrio Bello Horizonte, Bogotá.*

Fonte: Turner (1963).

Tanto nas descrições quanto nas análises dos processos de autoconstrução, Turner aponta uma constante: não se trata apenas da iniciativa dos homens, artesãos ou construtores locais, mas de um projeto coletivo, que envolve tanto a família quanto uma organização comunitária mais ampla. Por exemplo, no caso paradigmático de Vizcarra, em Arequipa, Peru (que será descrito em maior detalhe mais adiante), ele relata como sua esposa o ajudou a construir os primeiros cômodos (TURNER, 1963). Em outro caso, acontece que: “às vezes, os familiares também participaram da construção como auxiliares de pedreiro” (TURNER, 1964, p. 72), o que significou a redução de despesas administrativas e financeiras e, em Pampa de Comas, ele observa:

Todo o desenvolvimento foi organizado e realizado por associações espontâneas de trabalhadores e pedreiros de baixa renda com suas famílias, muitas delas construídas da mesma forma que a descrita por Mangin (TURNER, 1963, p. 39).

Outra questão interessante que ele propõe é considerar a diversidade de “recursos sociais” envolvidos na urbanização: populares, governamentais e comerciais. No caso dos recursos populares, ele se refere a uma diversidade de contribuições, como a participação da família na construção material de moradias e bairros, bem como as possibilidades organizativas. Com base nos casos das *barriadas* de Lima e da casa de Vizcarra, ele conclui que as próprias pessoas têm “capacidade de iniciativa técnica e organizacional, bem como pequenas poupanças acumuladas ao longo do tempo e crescente influência política” (TURNER, 1963, p. 59). Dessa forma, ele pontua, em primeiro lugar, que os únicos recursos não são a mão de obra, como é predominante na visão dos projetos de *self-help*.

No entanto, ele não se limita a apenas reconhecer esses recursos. Ele também aponta os desafios para que os arquitetos, a política e as agências habitacionais se perguntem quais são os meios disponíveis e como eles podem moldá-los. Assim, reconhece-se que o papel central do proprietário na construção não é o de trabalhador, mas que seu maior recurso está em sua iniciativa e capacidade de organização: encomendar, comprar ou trocar materiais; recrutar trabalhadores; e supervisionar de perto o trabalho no local (TURNER, 1963).

Além da participação da família na construção de suas casas e bairros, não apenas do ponto de vista material e econômico, mas também de outras variáveis sociais, culturais e estéticas, há outro ponto interessante: a “heterogeneidade” da qual os bairros são compostos, que se torna um potencial. Assim, uma das “liberdades” apontadas por Turner tem a ver com “a liberdade de escolher em comunidade”. Sobre o processo de ocupação e construção de uma *barriada*:

Ao contrário dos “beneficiários” de projetos controlados e patrocinados institucionalmente, os moradores das *barriadas* selecionam a si mesmos. Os ocupantes da *barriada* apresentam uma homogeneidade de objetivos e uma heterogeneidade de características sociais que são vitais para o seu estímulo e crescimento cultural. Como resultado de restrições políticas talvez inevitáveis, os beneficiários de um projeto habitacional oficial têm uma homogeneidade social muito maior, mas raramente compartilham um propósito comum (TURNER, 1968e, p. 97).

É importante, no entanto, não idealizar essa possibilidade de «autosseleção», porque muitas vezes se trata de uma condição do acaso, não sendo a escolha mais adequada ou estando livre de contradições. O que existe é uma formação de tecido social e fortalecimento organizacional por meio da necessidade de construção coletiva. Assim, essa questão da heterogeneidade na composição da população de um *barrio* é fundamental quando se trata de uma perspectiva cultural, pois “quanto mais diversa for a composição de seus membros, mais bem provida será a comunidade e maiores serão as oportunidades para aqueles que mais necessitam delas!”(TURNER, 1968e, p. 97).

### Componentes simbólicos da moradia

Um terceiro ponto identificado nessa leitura cultural é que a “condição de alojamento” da habitação ou as “funções de moradia” não são universais, mas variam de acordo com a condição social de cada família. Daí a importância de considerar a flexibilidade e a mudança cultural como dois elementos importantes desse tipo de projeto. Logo, o conceito de moradia é composto por três elementos distintos: abrigo, segurança e localização (TURNER, 1968c).

A análise do abrigo vai além do conforto físico e da aparência externa da moradia. Inclui a localização, onde a proximidade de fontes de recursos, como empregos, mercados, escolas, médicos, amigos e familiares, será muito importante, e a segurança, entendida como a garantia de pertencimento da propriedade de fato. De acordo com essa tese, uma das primeiras necessidades a serem resolvidas no caso da autoconstrução é a criação de um espaço próprio – literalmente criação devido à maneira como a terra é escavada e lugares são produzidos onde não havia nada – e, a partir daí, uma possibilidade de refúgio que permitirá, em breve, investir em outras necessidades (TURNER, 1963).

Além de complexificar a definição de moradia, considerando-a abrigo, segurança e localização, há outro componente cultural que tem a ver com o papel simbólico da habitação e a posse de “um pedaço de terra”: os sentimentos de orgulho e realização gerados pela autoconstrução significam, por exemplo, que, apesar dos desafios que ainda existem, “cada proprietário vê sua propriedade com um intenso orgulho pessoal” (TURNER, 1963, p. 47):

Ao mesmo tempo, o autoconstrutor atribui uma importância incomum à sua propriedade. Nessas cidades de crescimento caótico, a propriedade declarada da terra tem uma importância quase mística, não só para a própria família, mas também para a comunidade em geral, cujos laços familiares são mais fortes do que nos grupos de rendimentos mais elevados. E a casa nesse terreno, construída com tanto esforço, torna-se um objeto onde a família projeta seu orgulho e estabelece sua nova identidade (TURNER, 1963, p. 61).

Nesse sentido, há algumas medidas criadas e adotadas pelos próprios moradores que geram orgulho e satisfação, como obter terras marginais e de baixo valor, que são divididas a uma fração do valor comercial e valorizadas; projetar as casas, geralmente em conjunto com um

pedreiro contratado; e, por último, negociar materiais de construção e mão de obra para consegui-los a preços baixos (TURNER, 1963).

E essa “casa nesse terreno”, onde as famílias projetam seu orgulho, se torna um local para a reprodução da identidade e de dois elementos importantes: o futuro e o porvir, componentes-chave na perspectiva cultural:

Mas se a família é proprietária, ou é a possuidora de fato de sua casa, embora não seja mais do que uma simples barraca em um lote de terreno sem urbanização, terá, em contrapartida, um excelente ponto de partida para desenvolver seu futuro (TURNER, 1968e, p. 99).

Ter “um pedaço de terra” permite a projeção, a “promessa do porvir”, a esperança. Ou, em outras palavras, é um veículo para a mobilidade social:

Nunca encontrei uma família nas *barriadas* que não estivesse construindo aquela casa também para seus filhos e que não esperasse ou desejasse que eles tivessem uma situação melhor (TURNER, 1968b, p. 20).

Em resumo, um olhar cultural sobre o caráter simbólico da moradia nos permite concluir a importância da sensibilidade à mudança social. Embora possa parecer óbvio, as situações sociais mudam, ou seja, a mobilidade físico-espacial está ligada à ascensão social e o processo de construção de uma casa se torna um veículo para essa mobilidade social (TURNER, 1968c).

### “O arquiteto socialmente consciente”

Para finalizar a composição desse olhar cultural, vale a pena nos atermos à discussão do papel do arquiteto proposta por Turner, que é um tema transversal de suas obras. Está presente tanto naquelas que questionam explicitamente o papel do arquiteto quanto na palestra no CINVA e em seus demais trabalhos, em que os diálogos e experiências com os habitantes e com colegas de outras disciplinas (como em sua experiência nas *barriadas* peruanas) questionam constantemente a atuação dos arquitetos de diversas formas, através de perspectivas sociais e culturais.

Um primeiro ponto é a autocrítica e a reflexão sobre seu papel profissional, uma visão que estará alinhada com as preocupações dos arquitetos e planejadores urbanos - e de outros profissionais das ciências sociais - diante da explosão urbana e dos desafios do continente latino-americano exacerbados na década de 1960:

Nós, profissionais, cuja tarefa é manter a ordem física no ambiente urbano, falhamos em atender a maioria daqueles que, de fato, constroem esse ambiente. A origem desse fracasso, tenho certeza, está na nossa falta de compreensão do

processo urbano e na falta de interpretação das necessidades da massa que se urbaniza (TURNER, 1968c).

Outra questão nessa perspectiva tem a ver com o reconhecimento do ponto de vista do habitante, do seu trabalho e das suas contribuições construtivas e não apenas com a visão do arquiteto que identifica o caos e a desordem nas fases de construção e crescimento dos *barrios* (TURNER, 1963). Nesse caso, por exemplo, um ponto recorrente nas propostas de Turner é o de não se centrar apenas nas qualidades construtivas, mas reconhecer também a organização da comunidade e suas contribuições em termos de iniciativas sociais e quantitativas à habitação.

Essa perspectiva também está ligada a um terceiro ponto: a necessidade de diálogo com as ciências sociais e outros pontos de vista que vão além do físico e do espacial, que certamente derivam de seus vínculos com o antropólogo William Manguin e outros colegas. Por exemplo, ele reconhece como:

Os assistentes sociais e outras pessoas diretamente relacionadas com a esfera social atribuem geralmente mais importância à *forma* como as obras são realizadas e aos resultados não materiais (tais como a melhora da atitude e o interesse no desenvolvimento), que não são imediatamente apreciados pelo administrador, por mais evidente que seja (TURNER, 1964, p. 70).

Com relação a isso, Turner afirma que:

Temos que conversar, conversar cara a cara, com pessoas comuns, com a maior parte da nossa clientela real. Temos que insistir na modificação das regras e procedimentos que frustrariam esse diálogo vital. Não precisamos de cursos especiais em antropologia social ou de técnicas de pesquisa social para atender clientes pobres, assim como não precisamos deles para atender clientes muito ricos ou grupos especializados. Tais tentativas de separar o campo “social”, de trabalhar com base no conceito literalmente absurdo de “habitação de interesse social”, são consequências do medo do confronto e da perda imaginária de status, de respeito, ao trabalhar com pessoas que os reacionários chamam “inferiores”. Ninguém que tenha trabalhado com as pessoas comuns das cidades da América Latina, não estando em níveis superiores, mas compartilhando responsabilidades, as chama de ignorantes e incapazes. Pelo contrário, o profissional aprende muito, impressionado com as decisões bem calculadas do pobre e com sua capacidade de realizar muito com muito pouco (TURNER, 1968b, p. 6).

Por fim, uma questão central diz respeito ao que seria um “arquiteto socialmente consciente”:

De acordo com este componente de aceitação local, a casa deve ser construível por andares a partir de um núcleo mínimo em antecipação às necessidades e oportunidades futuras, e ao mesmo tempo deve ser capaz de integrar as mudanças

no modo de vida que a família irá vivenciar, desde o abandono gradual da herança camponesa dos pais à aceitação dos costumes urbanos dos filhos. Entre a abundância de projetos habitacionais econômicos, ainda são poucos os que oferecem soluções parciais para essas necessidades. Tais soluções só podem ser concretizadas através do respeito mútuo entre o projetista e o proprietário/construtor, apresentando um verdadeiro desafio ao arquiteto socialmente consciente (TURNER, 1963, p. 62).

### Caminhos para uma leitura da estética popular sul-americana

É impossível compreender e apreciar a arquitetura popular e “espontânea” sem o conhecimento das suas finalidades, exceto de forma superficial e puramente subjetiva. Quanto mais pobre é a família, mais as funções econômicas e sociais são impostas com prioridade imperativa (TURNER, 1968f, p. 0).

A discussão sobre o popular, como vimos anteriormente, nos permite refletir sobre as possíveis preocupações e considerações de John F. C. Turner em relação à estética popular. Embora essa questão aparentemente não seja central em seus textos, é possível identificar três aspectos importantes: os embates entre o moderno e o popular; as críticas ao tecnicismo dos tomadores de decisão; e o que poderíamos chamar de estética progressista.

### Estética moderna x estética popular

A perspectiva de Turner em relação às críticas ao movimento moderno e, especificamente, às soluções habitacionais idealizadas já é bastante conhecida. No entanto, o que se pode deduzir de seu discurso não é exatamente isso. Na realidade, o que ele vai criticar é a resposta ao problema habitacional do setor economicamente mais vulnerável da sociedade com base em modelos de moradia com padrões modernos. Seu argumento foca basicamente em quatro aspectos: os custos reais, as dívidas e a dependência que essas moradias causavam a seus habitantes; a ignorância ou o desprezo pelas questões culturais; a existência de aspectos simbólicos da residência para essa população; e a valorização da habitação (moderna) com base em sua materialidade e modernidade por aqueles com poder de decisão (TURNER, 1972a).

Nesse sentido, Turner argumenta que era necessário considerar as questões culturais, materiais e funcionais no enfrentamento do déficit habitacional, tendo, acima de tudo, um olhar sensível, para, assim, distanciar-se dos modelos hegemônicos vigentes. Isso resultaria no reconhecimento da existência de uma estética popular, identificada por ele em sua visita ao povoado de Congata (Arequipa, Peru) (Figura 3).

À estética moderna, entendida com base em referências formais exógenas e homogeneizantes produzidas nos países industrializados, Turner contrapõe uma estética resultante da cultura local,



Figuras 3 e 4. Moradias autoconstruídas em Congata (Arequipa) e moradias autoconstruídas em Lima.

Fonte: Arquivo Eduardo Neira Alva (Salvador/Bahía) e Turner (1974b).

camponesa, que valoriza o tradicional. Nesse sentido, é importante ressaltar, como já foi mencionado, os aspectos simbólicos tão arraigados nessa população. Essa atitude – e suas dificuldades – refletiu-se em seu trabalho inicial no Peru na OATA e, mais especificamente, em seu relato sobre o projeto da escola em Tiabaya, no qual ele optou por incorporar técnicas e materiais de construção locais (TURNER, 1976). O resultado foi esteticamente adequado, segundo ele, àquele contexto específico, uma vez que as referências arquitetônicas da cultura local foram levadas em consideração. Para Turner (1972a, p. 140), “as formas adotadas pelas casas e pela ‘construção’ variam da mesma forma que os climas e as culturas.”

O processo progressivo de construção de casas e, portanto, a estética progressiva, como se verá a seguir, resultou em vários significados relevantes para essa população. Por exemplo, a moradia dava a eles “lugar na sociedade e identidade” (TURNER, 1974a, p. 632), a “celebração do telhado da casa [era uma] quase um ritual” (TURNER, 1976, p. 141) e, de acordo com Turner, eles:

Desejavam, mais que ninguém, serem donos do seu próprio pedaço de terra [...] O que adquire um significado quase místico para a maioria das populações camponesas, as quais preservam sua ancestralidade (TURNER, 1968f, p. 2).

Do ponto de vista estético, ele chegou a propor uma inversão na lógica de compreensão da arquitetura. Para Turner, ela “deveria estar completamente sujeita a uma interpretação oficial do gosto popular” (TURNER, 1976, p. 132). O processo de autoconstrução de habitação nas *barriadas* foi diferente, mas o resultado foi muito semelhante às soluções modernas, ou melhor, às soluções híbridas em que o tradicional e o moderno foram misturados (Figura 4).

### Arquitetura sem arquitetos

O impacto de Turner em relação aos processos de autoconstrução e à não participação de profissionais ficou significativamente marcado em seu artigo “Dwelling Sources in South America” (1963). A experiência de Congata em 1958 e, mais especificamente, a de Jorge Vizcarra, um habitante local, questionou a relevância dos arquitetos em relação ao conhecimento local e às qualidades estéticas populares. Essa impressão foi compartilhada pelo arquiteto peruano Eduardo Neira Alva<sup>11</sup>, que chegou a considerar a possibilidade de escrever um livro sobre “arquitetura sem arquitetos”, que nunca se concretizou (MARTUCCELLI, 2012).

As conversas com Vizcarra mostraram como sua casa tinha sido o resultado de dois aspectos importantes: o tempo livre para poder se dedicar à construção (individual ou coletivamente e com a ajuda de membros da família) e o processo de ampliação de sua casa com base nas possibilidades econômicas e nas necessidades reais (especialmente à medida que a família crescia). Essas questões permitiram que Turner relativizasse a ideia de arquitetura e estética como uma obra “acabada” e a valorização do conhecimento popular.

No primeiro caso, o interessante é que se sugere, por um lado, pensar a habitação em uma perspectiva futura, como uma “obra” em contínua construção, em contínua mudança; por outro, discute-se a relevância da “obra” coletiva em oposição à “obra” autoral (bastante importante para o movimento moderno), na medida em que a própria população trabalhava com base na ação local direta. Turner argumentou que um aspecto que teve uma influência decisiva nessa lógica estava relacionado à falta de legislação específica. Para ele, os “problemas das normas [...] limitam a construção da moradia de forma orgânica” (TURNER, 1976, p. 154), tendo a autoconstrução sido até mesmo proibida por esse motivo nos EUA (TURNER, 1976). Além disso, para Turner (1976), “as famílias deveriam ser livres para escolher sua moradia, edificá-la ou orientar sua construção, caso assim desejem, e utilizá-la à sua maneira” (TURNER, 1976, p. 159). Isso, evidentemente, também significava entender que as referências culturais e estilísticas usadas pelos moradores desempenhavam um papel relevante.

A segunda questão é resultado do que foi dito acima. É curioso pensar que a visão de Turner, em relação aos habitantes das *barriadas*, era muito semelhante ao pensamento dos arquitetos modernos,

---

<sup>11</sup> Neira Alva e Turner visitaram a vila juntos. Neira chegou a publicar, cinco anos antes de Turner, o artigo “Un interesante ejemplo de vivienda espontánea” na revista *El Arquitecto Peruano*, em março de 1958, com suas impressões sobre Congata.

a quem ele criticava. Isso pode ser entendido a partir da defesa da liberdade de construção dos habitantes, uma vez que eles, segundo o próprio Turner, levavam em consideração aspectos racionais, práticos e funcionais, mostrando conhecimento suficiente do problema e da solução. Ou seja, “as pessoas que põe em prática essa tradição, adaptando-a e desenvolvendo-a à sua situação, sabem o que estão fazendo” (TURNER, 1974b, n.p.). A esse respeito, ele afirmou que:

Quando os moradores controlam as principais decisões e são livres para dar as suas próprias contribuições na concepção, construção ou gestão das suas habitações, tanto este processo como o ambiente produzido estimulam o bem-estar individual e social. Por outro lado, quando as pessoas não têm controle sobre a não responsabilidade pelas decisões-chave no processo de habitação, os ambientes de habitação podem se tornar uma barreira à realização pessoal e um fardo para a economia. (TURNER, 1978, p. 1141)



Figura 5. Residência autoconstruída. Veja o detalhe com a incorporação do comércio no primeiro andar.

Fonte: Turner (1968f).

A estética da habitação popular foi resultado do cenário mencionado acima. Longe de entender a habitação (moderna) como uma casa unifamiliar ou multifamiliar com plantas definidas e com pouca possibilidade de readaptação ou mudança, a habitação popular era resultado não apenas da necessidade de “morar”, mas também da possibilidade de trabalhar ou obter renda. Diante da situação econômica da família, era possível pensar em alugar “um dos cômodos da casa como negócio ou oficina” (TURNER, 1968f, p. 2) (Figura 5). O grande problema que ele percebeu com essa condição foi que as pessoas construíam apenas de acordo com os modelos que conheciam e, muitas vezes, não tinham modelos de casas unifamiliares que pudessem ser construídas a partir da perspectiva de *selfhelp* (TURNER, 1974a).

### A estética progressiva como uma possibilidade

Parte da crítica de Turner à falta de sensibilidade e ao desdém dos profissionais em relação às *barriadas*, ao espontâneo e ao provisório teria suas origens na própria estrutura e no processo de formação profissional. Para ele, por exemplo, nas escolas de arquitetura os futuros arquitetos eram preparados para idealizar ambientes acabados e desenhar projetos fotogênicos (TURNER, 1974b) que resultariam em propostas arquitetônicas definitivas e consumadas. Essa lógica não poderia ser pensada em um contexto de informalidade.

Pelo contrário, para grande parte da população, ter uma casa pronta não era uma prioridade em comparação com outros aspectos, como localização, acesso a serviços urbanos e integração com a cidade. Da mesma forma, em relação à estética da moradia, a qualidade dos materiais de construção não era essencial (Turner, 1968f). Turner (1968f) afirmou que, para o morador da *barriada*, sua casa, ainda que parcialmente acabada, vai satisfazer durante muito tempo as necessidades até o momento secundárias” (TURNER, 1968f, p. 2). Em outras palavras, a possibilidade do transitório, nesse contexto, constituía uma vantagem na medida em que a construção poderia ser consolidada ao longo do tempo, dependendo das necessidades e possibilidades dos habitantes, alcançando resultados mais do que aceitáveis (Figura 6). De acordo com Turner (1972a): “A etapa final do intruso vitorioso é fundamentalmente idêntica à do profissional de classe média e, de fato, resulta em uma habitação moderna perfeitamente aceitável” (TURNER, 1972a, p. 146).

A ideia de moradia inacabada ou progressiva, como vimos anteriormente, e de uma estética em contínuo desenvolvimento não se refletia apenas na escala arquitetônica (do próprio edifício), mas também estava presente na escala urbana. Turner havia identificado que era possível distinguir uma coerência na ocupação do solo no sentido de criar e se aproximar da imagem da cidade formal. Nesse sentido, ele observou como a construção da parede frontal era necessária para a criação do espaço urbano (rua, calçada e casa) (Figura 7), ou seja, da mesma forma que a casa, a *barriada* levaria cerca de 15 anos para se tornar um *barrio* (TURNER, 1976). Esses fragmentos da cidade, seriam também, desde o ponto de vista estético, transformados e evidenciariam, a partir da cultura, características particulares.



Figuras 6 e 7. Moradias autoconstruídas concluídas e moradias em construção.

Fonte: Turner (1972a e 1974b).

## Algumas considerações finais

Um primeiro elemento a ser destacado nessa leitura cronológica e espacial do trabalho de John F. C. Turner entre 1963 e 1978 é a diversidade de lugares, centros de pensamento e instituições nos quais ele passou algum tempo acadêmico ou a partir dos quais suas publicações foram produzidas (Figura 8). No caso da América Latina, participou como professor em seminários e cursos na Universidade de Porto Rico (1966), em San Juan, no CINVA (1967), em Bogotá, e no SERFHAU (1968), no Rio de Janeiro, onde foi contratado para ministrar um curso intitulado Programação Habitacional e Favelas. No campo técnico, ele também trabalhou com instituições como a Oficina de Asistencia Técnica de Arequipa (OATA).

Outro aspecto importante no campo das instituições foi o Massachusetts Institute of Technology (MIT) e os vários trabalhos realizados para a OEA, que demonstraram seus vínculos com o norte geopolítico que eram os Estados Unidos e, por sua vez, seus intercâmbios com a Europa e a América Latina.

Suas primeiras publicações, na década de 1960, circularam em revistas como *Desarrollo Económico e Cuadernos Summa - Nueva Visión* (Buenos Aires), *Arquitectura* (Rio de Janeiro), *Revista de la Sociedad Interamericana de Planificación*, SIAP (Cali), o CINVA (Bogotá), até editoras renomadas como Siglo XXI Editores e Fondo de Cultura Económica da Cidade do México, na década de 1970, que foram fundamentais para a consolidação dos estudos urbanos. Do outro lado do hemisfério, destacam-se suas publicações na *L'Architecture d'Aujourd'hui*, em Paris, e na *Architectural Design Magazine*, em Londres, na década de 1960. Na década seguinte, no *Riba Journal* e na Penguin Books, também em Londres. Na Espanha, na Gustavo Gili, em Barcelona, e na Technos e na Blume, em Madri. Esse conjunto de publicações é, na verdade, formado por artigos reciclados, ampliados ou traduzidos para vários idiomas. Essa estratégia foi, sem dúvida, decisiva para a reverberação e a intensificação de suas ideias e teorias em escala global.

Esses lugares nos permitem compor um mapa de circulações e nós de articulação que evidenciam a necessidade de reconstruir as redes e tramas (instituições, eventos, experiências, publicações e agências) que foram vitais para as políticas e para a compreensão relacionada à moradia e à marginalidade. Nesse campo, a história cultural intelectual e a geopolítica crítica são fundamentais, pois mostram a importância de considerar as redes e as equipes de trabalho, nas quais os moradores urbanos e os profissionais latino-americanos desempenharam um papel de liderança na produção de conhecimento e na compreensão de suas realidades.

Por outro lado, os textos aqui descritos, assim como seus interlocutores (em geral um público especializado de profissionais e técnicos) serão fundamentais para entender as formas como essas ideias circularam e o caminho alternativo adotado por Turner. Ele traz um debate central sobre moradia e urbanização diferente do da época, que não abarcava nem *selfhelp* ou ajuda mútua, nem a construção maciça de moradias por meio do movimento moderno e de agências estatais. Ele propunha uma visão da urbanização espontânea como uma opção e não como um fator limitante.



Figura 8. Locais e centros de pensamento nos quais o trabalho de John F. C. Turner foi publicado no período (1963-1978).

Fonte: Elaboração dos autores (2022) sobre imagem do Google Maps.

A propósito, Turner se distancia da tradicional “visão culturalista” da época, que alegava origens camponesas ou se centrava nas condições de pobreza e miséria dos novos moradores urbanos. Ao invés disso, ele considera um “olhar cultural urbano” a partir do qual surgem novas reflexões sobre o contexto e os debates da época, como no caso das novas identidades, que não estão necessariamente ligadas a laços tradicionais ou rurais, mas que fazem parte dessa nova produção urbana.

No caso de Turner, acentua-se a necessidade de estudá-lo não isoladamente, mas considerando os vários colegas e equipes com os quais ele interagiu. Por exemplo, nessa perspectiva cultural e estética, será fundamental considerar seu trabalho articulado com antropólogos como William Mangin, que Turner conheceu em 1959 e com quem também trabalhou intensamente para entender a construção popular a partir de uma perspectiva etnográfica. O mesmo pode ser dito de seus vínculos com o arquiteto Eduardo Neira Alva, responsável por mostrar-lhe uma realidade e uma visão de mundo até então desconhecidas.

## ARTIGO

Por outro lado, sua proximidade com o Peru, a Colômbia e o Brasil e seu conhecimento de outros países sul-americanos o ajudaram a acreditar firmemente em uma alternativa paralela à estabelecida, ao ver oportunidades onde se pensava haver problemas e, acima de tudo, ao valorizar a cultura e a estética populares diante de correntes e estilos universalistas. Para ele, repensar o autóctone, o tradicional, o vernáculo constituía uma possibilidade real e coerente para a realidade sul-americana, caracterizada por cidades autoconstruídas e informais.

Por fim, com relação à proliferação de trabalhos sobre a figura de Turner nos últimos anos, é importante observar a riqueza de fotografias e material gráfico em suas publicações, que não foi suficientemente explorada e que, da perspectiva da história urbana, da arquitetura e do urbanismo, seria uma área de trabalho muito interessante.

## Referências

CALVO, O. **Urbanización y Revolución en América Latina. Santiago de Chile, Buenos Aires y Ciudad de México (1950-1980)**, Ciudad de México-Medellín: COLMEX, Facultad de Ciencias Humanas y Económicas, Universidad Nacional de Colombia, 2022.

CENTRO INTERAMERICANO DE VIVIENDA Y PLANEAMIENTO. **II Curso Superior de Vivienda. La autoconstrucción**. Bogotá: mimeografiado, 1967.

GORELİK, A. **La ciudad latinoamericana**. Una figura de la imaginación social del siglo XX. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2022.

HUAPAYA ESPINOZA, J. C. Charles Abrams y su aporte a las políticas de vivienda social en Sudamérica. Circulación de ideas y redes profesionales establecidas, 1959-1962. In: **V Jornadas Internacionales de Estudios de América Latina y el Caribe**, 2021, Buenos Aires. Actas V Jornadas Internacionales de Estudios de América Latina y el Caribe. Buenos Aires: Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe, v. 1. p. 3144-3155, 2021.

MARTUCCELLI, E. **Conversaciones con Adolfo Córdova**. Lima: Instituto de Investigación de la Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Artes/Universidad Nacional de Ingeniería. 2012.

RIVERA SANTOS, L.; Bird Piñero, E.; Muñoz Morales, L.; Dávila, E. A. **Manual para la organización de proyectos piloto de ayuda propia y ayuda mutua en vivienda**. Bogotá, Cinva, Servicio de Intercambio Científico, 1953.

ROMERO, J. L. **Latinoamérica. Las ciudades y las ideas**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010.

TURNER, J. F. C. **Una nueva visión del déficit de la vivienda. El crecimiento de las ciudades**, (org.) David Lewis. Barcelona: Gustavo Gili, 140-151, 1972a.

\_\_\_\_\_. Architecture that works. In: **Human Identity in the Urban Environment**, (org.) Gwen Bell & Jacqueline Tyrwhitt. Londres: Penguin Books, 1972b, p. 352-365.

\_\_\_\_\_. Dwelling Resources in South America. In: **Architectural Design**, 8, 359-393, 1963.

\_\_\_\_\_. La autoconstrucción. La necesidad de nuevas unidades de vivienda. In: **Desarrollo Económico**, I (3), 32-39. / La autoconstrucción. inn Autoconstrucción. Por una autonomía del habitar.

Escritos sobre vivienda, urbanismo, autogestión y holismo (p. 69-77). Logroño: Pepitas de calabaza, 1964.

\_\_\_\_\_. Barreiras e Canais para o Desenvolvimento Habitacional nos Países em vias de Desenvolvimento. In: **Arquitetura**, 68, 20-26, 1968a.

\_\_\_\_\_. El profesional y el desconocimiento de la urbanización espontánea. In **XII Congreso Panamericano de Arquitectos**, Bogotá, octubre, 1968b.

\_\_\_\_\_. Habitação de Baixa Renda no Brasil: Políticas atuais e oportunidades futuras. In: **Arquitetura**, 68, 17-19, 1968c.

\_\_\_\_\_. Nueva estrategia de la vivienda urbana. In: **Revista de la Sociedad Interamericana de Planificación**, II (7), 44-45, 1968d.

\_\_\_\_\_. The squatter settlement: an architecture that works. In: **Architectural Design**. London, 355-360. La autoconstrucción. El asentamiento ilegal: una arquitectura que funciona. En Autoconstrucción. Por una autonomía del habitar. Escritos sobre vivienda, urbanismo, autogestión y holismo (p. 95-106). Logroño: Pepitas de calabaza, 1968e.

\_\_\_\_\_. Problèmes d'habitat. Solutions administratives et solutions populaires. In: **L'Architecture d'Aujourd'hui**, 140, 0-3, 1968f.

\_\_\_\_\_. Asentamiento urbano incontrolado: problemas y políticas. In: **La ciudad en los países en vías de desarrollo**. Comentarios sobre urbanismo y urbanización. (org.) Gerald Breese. Madrid: Tecnos, 629-663, 1974a.

\_\_\_\_\_. The fits and misfits of people's housing. In: **Riba Journal**, 2, 14-22, 1974b.

\_\_\_\_\_. Asentamientos urbanos no regulados. In: **Desarrollo urbano y regional en América Latina. Problemas y políticas**. (org.) Luis Unikel & Andrés Necochea. México: Fondo de Cultura Económica, 473-566, 1975.

\_\_\_\_\_. Fichter, R., (org.). **Libertad para construir. El proceso habitacional controlado por el usuario**. México: Siglo XXI, 1976.

\_\_\_\_\_. **Vivienda. todo el poder para los usuarios**. Madrid: Blume, 1977.

\_\_\_\_\_. Housing in Three Dimensions: Terms of Reference for the Housing Question Redefined. In: **World Development**, 9/10, 1135-1145, 1978.

\_\_\_\_\_. What I Owe to Charles Abrams. In: **Habitat International**, 1/2, 40, 1980.

\_\_\_\_\_. Dwelling sources in South America. *Architectural Design*, 8, 360-365, 1963. Recursos de vivienda en América del Sur. In: **Autoconstrucción. Por una autonomía del habitar. Escritos sobre vivienda, urbanismo, autogestión y holismo** (p. 31-67). Logroño: Pepitas de calabaza, 2018.

## COMO CITAR

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos; HERNÁNDEZ CIRO, Eulalia. Cultura e estética popular sul-americana. Perspectivas para a leitura na visão de John F. C. Turner, 1963-1978. **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, n. 11, p. 48-75, 2024.